

Pequena menina peshmerga

BAGDÁ

Sábado, 8 de julho de 1972

Em um país onde os curdos são odiados, eu sou uma curda.

Embora tenha nascido e crescido em Bagdá, meu coração pertence a Sulaimaniya. Bagdá é a cidade de meu pai árabe, enquanto Sulaimaniya é a cidade de minha mãe curda. Sulaimaniya fica 331 quilômetros ao norte de Bagdá, no Curdistão. Durante dez longos meses de todos os anos, de setembro a junho, eu vivia na poeirenta Bagdá, sonhando com julho e agosto, que eu chamava de “meses felizes”, quando deixava para trás as planícies castanhas da Mesopotâmia e viajava na companhia de minha mãe e de meus irmãos para as montanhas coloridas e vibrantes do Curdistão.

Lembro-me bem de um dia específico em 1972, quando eu tinha 10 anos. Estava tão entusiasmada com a nossa viagem que fui chamada de peste por minha mãe e meus irmãos, que ainda se preparavam para partir. Sentia-me ignorada. Mas quando meu querido tio Aziz, que havia vivido conosco por vários anos, notou-me sozinha e entediada na cozinha, levou-me para caminhar um pouco pelo terreno no fundo da casa, onde uma viçosa e colorida buganvília escalava um muro.

Para ajudar-me a ocupar o tempo, ele sugeriu que eu colhesse limões e laranjas no pomar. Tínhamos uma ampla variedade de árvores frutíferas e arbustos de frutos pequeninos, abricós, laranjas, ameixas e tâmaras. Que

sorte a minha viver em uma terra na qual frutas variadas crescem como jóias coloridas. Dentre todas as frutas, a minha preferida é a laranja, uma fruta cítrica parecida com a laranja. Quando estava madura, eu a espremia para fazer suco e despejava em formas de gelo para congelar. Minha mãe servia os cubos de gelo de laranja em copos com água e açúcar enquanto a família e os visitantes se reuniam na varanda.

Eu adorava essas ocasiões, agindo como adulta e sentando-me com as pernas cruzadas à maneira das grandes damas, sorvendo a deliciosa bebida, expressando minhas opiniões e interferindo na conversa dos adultos. Por ser a filha mais nova e ter então 10 anos de idade, era muito mimada por todos e eles fingiam me levar a sério.

Para meu entusiasmo, meu irmão mais velho, Ra'ad, então com 18 anos e se preparando para começar a universidade no outono, apareceu na porta dos fundos e gritou:

– Joanna, depressa! Vá ver se o táxi chegou!

Tio Aziz assentiu, estendendo as mãos para pegar os frutos que eu havia colhido. Depois de entregá-los, corri para a cozinha onde minha mãe e Muna, minha irmã de 14 anos, preparavam um lanche de sanduíches de frango e biscoitos de tâmara para comermos na viagem. Corri pela casa até a varanda da frente, onde fiquei esperando impaciente pelo táxi que nos levaria à rodoviária.

Mantinha os olhos fixos na rua, desejando que tivéssemos um automóvel para viajarmos ao norte em grande estilo.

Todos os nossos primos Al-Askari possuíam carros reluzentes e caros. Eram ricos. Infelizmente, nós éramos pobres. Mas, mesmo que tivéssemos muito dinheiro, meu pai não teria conseguido obter a licença para dirigir um veículo automotor, porque não era capaz de ouvir as buzinas dos automóveis ou qualquer outro som de carros, ônibus e carroças que percorriam as ruas de Bagdá. Meu pai era surdo desde a infância. Seu único meio de transporte era uma velha bicicleta azul.

Olhei para a bicicleta estacionada junto da cerca do jardim. Como gostaria de montar nela e partir! Mas eu não tinha permissão para usá-la, embora todos os meus irmãos tivessem. Ra'ad ia equilibrado na parte de trás da bicicleta, enquanto Sa'ad ficava com a parte da frente. Eu invejava meus irmãos,

mas, apesar de todos os pedidos e súplicas, tal atitude não era considerada própria para uma menina em Bagdá.

A fim de desviar a mente das injustiças da minha vida, forcei-me a prestar atenção à rua, caso o táxi passasse acidentalmente por nossa casa.

Era divertido assistir a toda aquela atividade. O caleidoscópio de uma manhã em Bagdá estava em plena movimentação e com todas as suas cores vibrantes. Figuras humanas pairavam como miragens, com homens correndo na direção do café mais próximo enquanto esposas atarefadas corriam para o mercado. Meninos mais velhos se divertiam com bolinhas de gude, trocando ofensas debochadas, enquanto os menores pulavam amarelinha. Havia poucas meninas em público, porque, naquele tempo, meninas respeitáveis deviam ficar em casa durante as férias.

Sentia-me grata por minha mãe não me obrigar a ajudar com as tarefas domésticas, porque as odiava. Ela mantinha a casa mais limpa de toda Bagdá, e cada uma de minhas irmãs mais velhas tinha atribuições específicas, mas eu escapava por ser a caçula.

– Sal! Sal! – Os gritos do nômade que percorria as ruas da cidade montado em um camelo atraíram minha atenção. Muitas eram as manhãs nas quais eu o escutava encolhida sob as cobertas em minha cama, mas dessa vez o estudei com curiosidade e interesse.

Ele seguia gritando:

– Sal! Sal!

Vestido com uma camisa cinza puída e uma calça marrom muito desbotada, ele era um homem de pele morena, rosto magro e sobrancelhas arqueadas. Uma tira de lã azul e vermelha ligava seu braço ao pescoço de um pequeno camelo. Apaixonei-me imediatamente pelo animal de pelagem dourada e lábios curvos. Ele parecia sorrir enquanto se movia numa cadência constante, quase como se dançasse. Sua carga preciosa viajava embalada em sacos de tecido grosso que balançavam contra seus flancos. Porém, quando o proprietário bateu sobre seu lombo com uma vareta longa e fina, o animal emitiu um grito de protesto, exibindo a saliva que espumava nos cantos de sua boca aberta.

– Sal! Sal!

O mercador fumava um cigarro que levava pendurado no canto da boca. Ele ergueu os olhos para encontrar os meus, retirando o cigarro da boca para

sorrir esperançoso. Seus olhos se abriram ainda mais e ele moveu a cabeça na expectativa.

Eu movi a cabeça em sentido negativo. Sabia que minha mãe ainda tinha na cozinha um saco de sal fechado. O homem deu de ombros e, conformado, seguiu seu caminho gritando:

– Sal! Sal!

Meus olhos foram atraídos por uma mulher, uma camponesa vestida com roupas coloridas e amplas. Sua cabeça era coberta por um turbante retorcido sobre o qual ela equilibrava uma enorme bandeja. Panos brancos envolviam-lhe os pés e os tornozelos para protegê-los contra o calor.

Eu sabia o suficiente para deduzir que ela era oriunda do sul, de uma área do Iraque conhecida como Pântanos. As mulheres daquela região eram conhecidas por serem tão belas quanto a paisagem local.

Ela vendia creme de búfalo acondicionado em embalagens redondas de madeira acomodadas na bandeja sobre sua cabeça.

Eu a vi seguir por uma rua lateral acompanhada por um bando de gatos de rua. Os gatos caminhavam com elegância e miavam, agitados com o aroma do creme. Apesar de ser ainda jovem e bonita, a vendedora dava a impressão de sucumbir sob o peso do desespero resignado.

Senti pena dela, e se tivesse algum dinheiro nos bolsos teria comprado todo o creme de búfalo que havia naqueles potes. Fiquei contente quando vi um consumidor se aproximar, a palma da mão aberta indicando a quantidade de embalagens que ele pretendia adquirir. Aquela jovem séria removeu da cintura uma fina agulha de aço, levou a mão à cabeça e pegou um dos potes de madeira. Depois usou a agulha como ferramenta para cortar o creme congelado.

Os gatos a observavam esperançosos, prontos para recolherem quaisquer sobras, mas a moça era habilidosa demais para permitir tal desperdício.

Depois de pôr algumas moedas na mão da vendedora, o cliente partiu levando sua preciosa aquisição.

Os gatos em torno dela aumentavam em número, mas a vendedora de creme nem parecia notá-los, como também não me notava ao passar diante da nossa casa. Pensei que a vida dela devia ser muito difícil para causar tristeza tão intensa e constante. Sua rabugice deixava isso claro.

Ela se afastava, e eu tentava imaginar como seria a vida daquela mulher, tão diferente da minha, porque sabia, mesmo ainda criança como era, que o Iraque era habitado por uma ampla variedade de pessoas com estilos de vida e crenças muito distintas.

Após a Primeira Guerra Mundial e a derrota do Império Otomano, britânicos e franceses decidiram que três grandes regiões geográficas seriam reunidas para formar o moderno Iraque. A parte central do Iraque era basicamente um platô de pedra calcária onde se localizava a cidade de Bagdá. A moderna Bagdá não é considerada especialmente bonita, mas guarda em seu passado uma exuberância singular e gloriosa de ricos palácios, mesquitas, mercados e jardins.

A segunda região do Iraque era composta pelas terras baixas e úmidas do sul chamada de Pântanos, lar da vendedora de creme de búfalo de aparência tristonha. Uma esplêndida variedade de peixes, aves e plantas era encontrada naquela região. Um antigo texto árabe diz que a paisagem diferenciada resultou das conseqüências de um dilúvio devastador, tão poderoso que casas de barro derreteram e se tornaram lama, enquanto a própria terra se abria em sulcos e dava origem a milhares de pequenas ilhas. Os sobreviventes do grande dilúvio viviam em choupanas ou barcos denominados *mash-houfs*, construções feitas de junco e betume.

A terceira região do Iraque, o norte, famosa por suas montanhas cobertas de neve e por suas florestas exuberantes, era um belo lugar, com muitas cachoeiras e pomares. Por causa de suas temperaturas baixas, muitos resorts prosperaram ali. Os iraquianos árabes referem-se a essa região simplesmente como norte do Iraque, mas os curdos chamam por seu verdadeiro nome: Curdistão.

Examinei a rua mais uma vez procurando pelo táxi e vi um grupo de jovens encenqueiros moradores do bairro, uma gangue de quatro garotos com idades próximas à minha. Eles sempre se divertiam muito me ridicularizando por ser curda. Quando nos encontrávamos, eles começavam a pular sobre os pés descalços, rindo e entoando cânticos detestáveis.

– Casa dos curdos! Menina curda!

Um deles, particularmente maldoso, ria mais alto e gritava:

– *La! La!* Menina do surdo idiota!

Eu o encarei. Por um momento, as ofensas me deixaram sem ação, mas a passividade só perdurou até eu dar o primeiro passo para fora da varanda.

– Ei! – gritei, detendo-me para apanhar várias pedras do jardim esmeraldo de minha mãe, pedras que ia arremessando com toda força que tinha. Jamais havia reagido de maneira tão agressiva antes, mas recentemente eu decidira ser mais como meu pai, um homem arrojado que sempre se defendia, mesmo que para isso tivesse de usar da força física e brigar.

Surpreendidos por uma garota que ousava defender-se, os meninos ficaram tão assustados que instintivamente foram embora correndo.

Atingi um deles no braço. Quando ele gritou de dor, os outros correram ainda mais para fugir do mesmo destino. Como pareciam estúpidos!

Eu ri alto, ri muito, tomada por uma enorme satisfação enquanto os via correr como covardes pela rua. E eles fugiam de uma menina, o que tornava minha vingança ainda mais doce.

Nunca me havia sentido tão poderosa. Nunca mais eles me amedrontariam. Nunca mais!

Era inteligente o bastante para saber que não devia divulgar meu feito, porque minha família ficaria horrorizada com uma filha que se comportava de maneira tão grosseira. Limpei rapidamente a terra das minhas mãos. Quando ergui a cabeça para certificar-me de que meus perseguidores não retornavam, notei que o táxi parava diante da minha casa.

– Chegou! – gritei, correndo em direção à casa. Abri a porta e gritei o mais alto que podia: – O táxi chegou! Venham logo!

Foi um momento de loucura com todos correndo, agarrando malas e valises e levando-as para o carro.

O motorista magrelo saltou de seu lugar ao volante. Ele gritava, como se coordenasse o transporte da nossa carga.

Minha mãe havia me ensinado a não encarar as pessoas, mas eu não conseguia desviar os olhos daquele rosto moreno, enrugado e cansado. As mãos dele eram crispadas, e ele as esfregava na calça velha num gesto repetitivo que demonstrava certo nervosismo. Era evidente que aquele era um homem pobre.

Na verdade, muitas pessoas em Bagdá eram pobres. Olhei para meu pai, tio Aziz e meus irmãos. Também éramos pobres, mas eles vestiam roupas limpas e bem conservadas, sem sinal de furo ou rasgão.

Olhei para o meu vestido cor-de-rosa. Na maior parte do tempo, os árabes em Bagdá usavam cores sóbrias, geralmente negro ou azul-escuro, mas nós, os curdos, éramos diferentes. Preferíamos cores vibrantes. Meu belo vestido rosa havia sido lavado recentemente e muito bem passado, e cheirava a roupa nova, embora já tivesse um tempo considerável de uso.

Minha mãe sabia como conservar todas as coisas perfeitamente. Ela mantinha a casa e a família tão limpas e arrumadas, que era possível que nossos inimigos nem notassem nossa pobreza; certamente, não *parecíamos* pobres. E devia ser essa aparência limpa e arrumada que intensificava o ódio que nutriam por nós.

Os homens enfrentavam dificuldades para fechar o porta-malas do táxi. Tentei ajudar apontando:

– Esse carro está inclinado para o lado.

O motorista do táxi notou o que eu já havia visto e começou a gritar ordens enquanto inspecionava a distribuição do peso sobre os pneus. Eram pneus muito finos, mesmo para os meus olhos inexperientes, mas achei melhor guardar essa impressão para mim. Minha mãe poderia insistir em cancelar o serviço e esperar por outro táxi. Eu não queria adiar nossa viagem nem por mais um segundo, porque a esperava com enorme ansiedade desde a última vez em que deixamos Sulaimaniya, há um ano, em agosto.

Quando o motorista do táxi sentiu que tudo estava seguro, ele se sentou ao volante, chamando-nos com pressa:

– *Yella, yella!*

Vamos.

Minha mãe e Muna juntaram-se a mim no banco traseiro. Tio Aziz surgiu do meu lado e empurrou-me com delicadeza para o meio. Ele nos acompanharia até a rodoviária, mas não iria conosco ao Curdistão.

Em 1962, ano em que nasci, meu tio era estudante em Sulaimaniya, quando foi preso simplesmente pelo crime de ser curdo. A tortura a que foi submetido mudou sua vida para sempre. Desde aquela época, ele nunca mais conseguira lidar com a vida no norte, onde ocorrera a perseguição e a subsequente detenção. Por isso ele se mudara para Bagdá para morar com a irmã mais velha, minha mãe.

Anos depois de sua tortura, ainda havia ocasiões em que alguma coisa desencadeava um comportamento bizarro, quando meu tio se recusava a falar ou sair de seu quarto. Durante anos ele foi incapaz de freqüentar a universidade ou se manter em um emprego. Mas ele era um tio muito amado, sempre pronto para me fazer companhia e me entreter com brincadeiras ingênuas.

Assim, ele ficaria em Bagdá sem nós, enquanto íamos visitar minha avó Ameena, minhas tias e todos os primos em Sulaimaniya.

O motorista gritou anunciando sua pressa, insistindo na necessidade de partirmos. Ra'ad e Sa'ad sentaram-se rapidamente no banco da frente, com o motorista.

Quando o táxi entrou em movimento, lembrei-me de que havia esquecido de dizer adeus a meu pai. Ele raramente viajava conosco para o Curdistão. Ele não era curdo, mas, mesmo que fosse, teria permanecido em Bagdá para trabalhar. Nunca dispunha de dinheiro para acompanhar a família nas férias. Pobre pai.

Nós nos afastávamos, e me virei até poder ver seu rosto pela janela de trás do automóvel. Seus olhos castanhos brilhavam e ele sorria. Fiquei olhando para aquele rosto amoroso até ele se abaixar para pegar alguma coisa no chão. Seu couro cabeludo estava exposto, o cabelo colado em algumas áreas e espetado em outras. Era evidente que meu pai havia suado muito carregando as malas para o táxi.

De repente, senti um frio na barriga, uma apreensão inexplicável relacionada ao bem-estar de meu pai. Mas logo bani esse sentimento enquanto prosseguíamos pelas ruas movimentadas de Bagdá.

Diferentemente de muitas cidades, Bagdá não crescera de um pequeno vilarejo, mas, em vez disso, fora projetada e construída de acordo com um plano mestre. No ano de 762 d.C., o califa Abu Ja'far al-Mansur teve a idéia de criar uma cidade delimitada e fechada. Seu sonho era o de uma cidade circular com três áreas fechadas distintas na margem oeste do Tigre.

O califa Al-Mansur governava da área mais interna, o exército ficava abrigado no interior da segunda área, e os cidadãos viviam na área mais externa. Mas a moderna Bagdá se expandira para além de seus círculos cuidadosamente dispostos, perdendo o charme original.

Com apenas algumas poucas vias principais, Bagdá também era caótica.

Nosso motorista conduzia o táxi em meio ao tráfego, competindo com hordas de pedestres, carroças puxadas por mulas, carros e microônibus que disputavam cada milímetro da via principal.

Cartazes coloridos anunciavam produtos ocidentais. Outros divulgavam as vantagens que os iraquianos supostamente desfrutavam sob o governo do então vigente partido Baath, o último a chegar ao poder por meio de mais um golpe de Estado, quatro anos antes, em 1968. Eu ouvira meu irmão Ra'ad brincar chamando os baathistas de “garotos do retorno”, porque eles já haviam estado no poder uma vez anteriormente, em 1963, mas foram rapidamente depostos devido à desordem e à malícia demonstradas durante sua primeira tentativa de governar. Mas todos comentavam que agora os baathistas estavam firmemente entrincheirados.

Embora fosse jovem demais para entender a política, eu tinha consciência dos efeitos destrutivos da revolução de 1958, que havia causado mortes em minha família e a ruína dos negócios de meu pai. Era mais atenta do que a maioria das crianças da minha idade, e ouvia os sussurros otimistas relacionados ao novo governo iraquiano. Sabia que os adultos queriam apenas uma coisa: o fim da confusão e da reviravolta que aconteciam sempre que havia uma mudança no governo do Iraque.

Mas naquele ensolarado dia de julho, quem poderia ter adivinhado o sofrimento e o terror que o governo baathista e Saddam Hussein acabariam levando a todos os iraquianos? Felizmente, nenhum de nós imaginava que dias de medo e escuridão se aproximavam.

Nos anos anteriores, nossa família havia viajado de trem de Bagdá a Kirkuk, e de lá seguíamos de carro até Sulaimaniya. Mas naquele verão de 1972, minha mãe avisou que teríamos de economizar dinheiro; portanto, viajamos de ônibus. Logo chegamos à rodoviária no centro de Bagdá. Mais um momento de confusão típica de férias aconteceu quando descemos do táxi e esperamos enquanto Ra'ad, Sa'ad e tio Aziz desfizeram todo o trabalho já feito, descarregando e empilhando nossas malas.

Um carregador se aproximou e, por uma pequena gorjeta, ajudou-nos a transportar a bagagem. Caminhamos apressados para a área da estação onde acontecia o embarque nos microônibus para Sulaimaniya. Os veícu-

los aguardavam estacionados de maneira irregular, e alguns passageiros iam entrando e ocupando seus lugares. De repente, fomos abordados pelo motorista de um dos ônibus, um homem idoso e careca com um farto bigode, tão longo que caía sobre as duas laterais da boca. Ele era extremamente amigável, convidando-nos a embarcar em seu veículo, alegando que era um profissional tão experiente que poderia reduzir a viagem em uma hora. Mais importante, ele informou que crianças com menos de 12 anos poderiam viajar gratuitamente.

Embarcamos agradecidos naquele ônibus porque dinheiro era algo que não tínhamos de sobra.

Eu era muito pequena e magra para a minha idade, por isso ninguém contestou quando minha mãe disse que eu tinha menos de 12 anos. Muna era muito pequena e também poderia ter viajado de graça, mas minha mãe se negou a mentir.

Cometemos um erro grave confiando naquele motorista, mas seria necessário certo tempo para que soubéssemos disso.

O ônibus velho rangia enquanto deixávamos a rodoviária lentamente, e mais uma vez percorremos as ruas movimentadas da cidade. O ônibus atravessava a área comercial de Bagdá, a região onde ficava a maioria dos bazares e as fábricas com suas chaminés altas. Logo chegamos à auto-estrada 4, uma moderna rodovia para Kirkuk em nosso caminho para o norte e para o nosso destino final, Sulaimaniya.

O ônibus comportava tranqüilamente 25 pessoas, mas éramos apenas 11 a bordo. Minha mãe e Ra'ad questionaram o motorista, mas ele os ignorou e sugeriu que voltassem a seus lugares.

– Assim teremos mais espaço – opinou Muna em voz baixa com um sorriso hesitante. Ela estava certa. Minha irmã Muna era tão tímida e tensa, que todos na família sentiam que deviam protegê-la. Ela era gêmea de Sa'ad, que era seu oposto exato em todos os sentidos.

Sa'ad tinha pele morena, era fisicamente forte e pessoalmente determinado. Muna, por outro lado, era pálida e frágil como a mais fina porcelana, e demasiadamente submissa. Eles eram tão diferentes, que muitas pessoas nos acusavam de debochar da inteligência alheia quando contávamos que os dois eram gêmeos.

Lamento não ter estado presente para testemunhar aquele dia em que Muna e Sa'ad nasceram. Foi um acontecimento tão emocionante que ninguém na nossa família jamais o esqueceu. Ouvi o relato muitas vezes. Na terceira gestação de minha mãe, ninguém suspeitava de que ela pudesse estar esperando gêmeos, nem mesmo o médico. Algumas horas depois do início do trabalho de parto, uma enfermeira notadamente desinteressada apresentou-se para pôr nos braços de meu pai um menino saudável e robusto. Os membros da família ainda celebravam o nascimento de mais um filho, mas logo começaram a se preocupar com os gritos insistentes de minha mãe. Era possível ouvi-los mesmo estando separados dela por sólidas portas duplas de madeira. Quando os gritos finalmente cessaram, a mesma enfermeira, já não mais indiferente, mas repentinamente tomada por uma energia que a fazia vibrar, saiu da sala de parto e aproximou-se de meu pai com o segundo bebê.

Todos os presentes olharam boquiabertos para aquela forma pequenina no colo da enfermeira. Ela declarou animada que a criança era gêmea de Sa'ad, embora tivesse cerca da metade do tamanho do irmão. Ninguém conseguia acreditar nela. Vários parentes curdos do norte acusaram a enfermeira de fazer uma brincadeira de mau gosto com nossa família só porque minha mãe era curda.

Mas eles estavam enganados. Muna *não* era uma brincadeira. Minha irmã era real, embora parecesse uma miniatura de gente e tivesse de passar várias semanas no hospital. Mesmo quando ela foi liberada, o médico recusou-se a garantir sua sobrevivência. Minha mãe foi orientada a envolver o bebê em tiras de algodão durante os primeiros meses de vida para proteger sua pele translúcida, tão delicada que sangrava ao ser friccionada. As tiras de algodão também seriam a solução para outro problema de ordem prática: não havia em toda Bagdá roupas de bebê que coubessem em uma criatura tão pequena, menor até do que uma boneca.

Com o passar dos anos, Sa'ad tornou-se viril e ainda mais forte, alguém que manifestava suas opiniões sem medo e falava com voz segura, enquanto Muna era tão tímida que raramente falava.

Senti uma enorme afeição por minha irmã desde o início, e compreendi que devia protegê-la do mundo cruel, apesar de ser anos mais jovem que ela.

Assim que deixamos a cidade para trás, os passageiros cochilaram ou ficaram olhando pelas janelas, mas nasci com um temperamento inquisitivo, por isso dediquei-me à tarefa de inspecionar todos os passageiros.

Dois homens curdos viajavam silenciosos nos assentos da frente do ônibus. Os trajes tradicionais compostos por turbantes e calças muito largas facilitavam a identificação. Sabia que eram dos nossos. Imaginei se não poderiam integrar o romântico grupo dos guerrilheiros curdos, conhecidos como peshmergas, sobre os quais ouvira tantas histórias. Mas, é claro, mesmo que fossem, teriam de ocultar tal fato. Ser peshmerga no Iraque era uma sentença de morte automática.

Eu não conseguia desviar os olhos deles.

O mais jovem dos dois era um homem muito grande, com ombros largos e braços fortes como os de um halterofilista. Os olhos grandes e sonhadores e a expressão bondosa contradiziam o poder físico. Uma madeixa de cabelos negros e encaracolados escapava do turbante em sua nuca.

O segundo homem era pequeno e parecia tenso. Olhei para seus olhos cercados por linhas de expressão. Apesar da rigidez muscular, ele parecia alegre, cheio de vida.

Os outros quatro passageiros eram um casal e seus dois filhos pequenos. Pelos trajes eu soube que eram árabes. O marido vestia um *dishdasha*, uma espécie de túnica branca e longa usada por muitos nativos do Iraque. A esposa dele usava um manto negro sobre um vestido azul. As crianças vestiam roupas ocidentais, e olhavam com hostilidade para nossos trajes curdos.

Minha mãe e eu éramos as únicas da família que usavam regularmente os trajes tradicionais dos curdos, mas, naquele dia, todos nós viajávamos em nossas melhores roupas curdas.

Ra'ad e Sa'ad estavam deslumbrantes em suas volumosas blusas e calças curdas presas por faixas. Típicas capas curdas, chamadas *klaw*, pendiam de suas cabeças, e eles calçavam sandálias conhecidas como *klash*. As três mulheres da família usavam vestidos curdos de cores radiantes. Eu me vestia com meu tom favorito de rosa, Muna usava um azul brilhante, e minha mãe optara por um amarelo solar. Muna e eu exibíamos a cabeça nua, mas minha mãe cobrira os cabelos negros com um lenço dourado adornado por pequeninas moedas prateadas costuradas em suas extremidades.

Para ser simpática, mamãe ofereceu às crianças árabes alguns dos nossos biscoitos de tâmara. Os pais reagiram como se os biscoitos estivessem envenenados. Eles seguraram as mãos dos filhos, impedindo-os de aceitar a oferta, e responderam a minha mãe um ríspido “La! La!”, que quer dizer “não”.

Surpresa, minha mãe voltou ao seu lugar e sentou-se.

Fiquei chocada com a rispidez do casal, apesar de já ter idade suficiente para entender um fato da vida: muitos árabes iraquianos odiavam curdos.

Mamãe se recuperou rapidamente e ofereceu os biscoitos aos próprios filhos. Eu me sentia tão insultada pela reação daqueles desconhecidos, que mastiguei os biscoitos com enorme prazer, fazendo barulho para anunciar a todos como eram deliciosos. Senti-me vingada ao ver as crianças árabes olhando para os pais com um misto de ressentimento e reprovação.

Em contraposição, o mais velho dos dois homens curdos sorria e oferecia doces a todas as crianças. Os dois pequenos árabes estenderam as mãos tão depressa que quase não foi possível acompanhar o movimento com o olhar. Eles agarraram os doces, removendo a embalagem e enfiando-os na boca com avidez, talvez temendo que os pais os impedissem mais uma vez de provar o confeito.

Eu ri alto da expressão de surpresa do casal, e os dois homens riram comigo, inclusive aquele que se mantivera quieto até então.

Sabia que a viagem levaria quase nove horas. Éramos os únicos passageiros que seguiriam até Sulaimaniya. A família dos árabes deixaria o ônibus em um pequeno vilarejo sunita distante uma hora de Bagdá, e o mais velho dos dois homens curdos havia comentado que eles desembarcariam em um povoado perto de Kirkuk.

O dia estava quente. Uma mosca enorme voava no interior do ônibus, e eu a espantava com as mãos. Estava pegando no sono, quando fui despertada pela voz furiosa do motorista do ônibus. Ele havia sido tão agradável e gentil anteriormente, que só pude presumir que o miserável calor de julho causava o repentino mau humor.

Ele gritou:

– Vocês! Curdos! Fiquem quietos aí atrás! Crianças barulhentas me dão dor de cabeça!

Senti-me pessoalmente afrontada. Não havíamos feito barulho algum! Ergui minha cabeça e olhei orgulhosa para a família árabe. O marido e a esposa trocavam um olhar cúmplice.

Cerrei os punhos, ardendo de desejo de reagir, mas sabendo que nada poderia fazer com minha mãe e meus irmãos por perto. Olhei esperançosa para os dois curdos, pensando que, talvez, eles pudessem nos defender daquele ataque injustificado, mas eles permaneciam imóveis, estudando a paisagem do lado de fora, evidentemente avessos a qualquer discussão com o motorista. Fiquei desapontada, mas disse a mim mesma que, se eles fossem realmente peshmergas disfarçados, tinham de manter o disfarce.

Antes de iniciar aquela viagem, havíamos sido prevenidos da extrema e recente dificuldade enfrentada pelos curdos no norte. A situação tornava-se perigosa. Os curdos eram sempre suspeitos de promover discórdia e inquietação civil. Novas leis draconianas haviam sido impostas pelo governo: se um curdo era encontrado com um binóculo, acabava enforcado. Se um curdo possuía uma máquina de escrever sem prévia autorização, era preso e julgado. Câmeras sempre haviam sido consideradas suspeitas, mas uma câmera com lentes de aproximação podia custar a vida a um curdo. Os curdos podiam ser detidos por nada. Por um capricho. Um árabe delatava um curdo por criticar o regime e, mesmo que a denúncia fosse inverídica, o curdo era automaticamente punido.

Minha mãe e meus irmãos mais velhos estavam inquietos, movendo-se em suas cadeiras como se não encontrassem posição confortável, mas, como éramos curdos, e o motorista rude era árabe, ninguém ousava protestar.

Para mim, a viagem havia perdido o encanto.

Logo chegamos a um modesto povoado na periferia de Bagdá, e a família árabe desembarcou. Eles reuniram seus pertences, duas velhas malas, e passaram por nós sem sequer olhar em nossa direção. Mas não pouparam simpatia e foram efusivamente gratos ao motorista.

Minha alma ardia por vingança.

Eles viviam em uma vizinhança modesta, típica de famílias árabes pobres, onde as casas de concreto de um único andar tinham a mesma cor da areia do chão. Telhados planos expunham roupas estendidas para secar e uma variedade de cadeiras de metal enferrujado.

Estava satisfeita com a partida daqueles árabes desagradáveis, mas me sentia desapontada por eles terem desembarcado sem saber que meu pai pertencia à famosa família Al-Askari de Bagdá. Anos depois da revolução, pessoas que conhecíamos se mostravam impressionadas com o nome de nossa família.

Logo fizemos mais uma breve parada em um pequeno e sujo posto de combustível. Perto de chegarmos ao Curdistão, a gasolina tornava-se escassa por conta de uma punição coletiva imposta pelo governo aos curdos, a limitação dos suprimentos de combustível. O motorista teria de ficar atento às barracas de beira de estrada nas quais jovens garotos curdos vendiam gasolina em recipientes plásticos.

Quando o ônibus voltou à estrada, todos cochilaram até a hora do almoço, quando minha mãe e Muna nos acordaram para servir os sanduíches de frango e copos de Fanta laranja, que mamãe havia comprado no posto de gasolina.

Os dois curdos se mostraram gratos quando mamãe insistiu para que compartilhassem nossos sanduíches, mas o motorista do ônibus recusou a oferta. Ele agia como se os sanduíches pudessem estar contaminados, como se minha mãe fosse a mais negligente e relapsa dona de casa de todo o Iraque.

Pouco depois do almoço, a terra desapareceu sob as rodas do ônibus, e passamos por uma ponte de metal que unia as duas margens de um assustador precipício. Pela primeira vez na vida, pude ver toda a beleza verde de uma cordilheira. Logo estaríamos no Curdistão, único lugar na Terra que sempre me fazia sentir confiante e feliz.

Mesmo naquela tenra idade, sabia que ali era meu lugar, não em Bagdá.

– Eu amo o Curdistão! – anunciei para ninguém em particular, provocando sorrisos de reconhecimento e simpatia dos dois homens curdos. O motorista resmungou alguma coisa ríspida, certamente um comentário grosseiro que não consegui ouvir.

Era ilegal chamar a região do norte do Iraque por seu nome correto, Curdistão. Mas eu me sentia confiante e corajosa porque era improvável que uma garota da minha idade fosse punida. Além do mais, sabia que logo estaria na casa da vovó Ameena, e essa viagem conturbada ficaria esquecida no passado.

O motorista do ônibus mostrou-se menos rabugento no clima fresco das montanhas do Curdistão. Para minha surpresa, ele inseriu no toca-fitas um cassete com músicas típicas da região, e incentivou-nos a cantar também as

canções curdas. Todos sabiam que era ilegal cantar músicas curdas que invocavam sentimentos nacionalistas, mas, de vez em quando, era possível ouvi-las até nas rádios de Bagdá. O mais velho dos curdos fingiu cantar, mas o perdoei por saber que ele era incapaz de seguir o ritmo. De minha parte, recusei-me a acatar as ordens do motorista rude.

Uma hora mais tarde, o veículo parou para o desembarque dos dois homens. Mantendo as mãos sobre o peito, eles se despediram e saltaram aliviados do ônibus. Apressados, caminharam na direção de um assentamento ao pé da montanha, um lugar de casas com telhados tão baixos e tão próximas umas das outras que, pensei, poderiam ser usadas como degraus para se chegar à montanha.

O ônibus seguiu em frente. Estávamos dentro dele há seis horas. O cansaço era inevitável. De repente, deixamos a estrada principal e o motorista anunciou que faríamos uma parada.

Minha mãe protestou imediatamente em curdo.

– O quê? Aonde vai?

A pergunta foi ignorada.

Ra'ad repetiu a mesma pergunta em árabe.

O motorista balançou a cabeça e respondeu de modo pouco convincente:

– Vou pegar um passageiro. Passageiro regular. Ele precisa de carona até Sulaimaniya.

Ra'ad traduziu a resposta para minha mãe, que assumiu imediatamente um ar preocupado. Era evidente que ela não gostava nada dessa mudança nos planos.

A pista não era pavimentada, e a poeira do chão entrava pelas janelas abertas, causando sucessivos ataques de tosse em todos nós. Quando Ra'ad se levantava para ir falar com minha mãe sobre essa inquietante modificação nos planos originais, houve um estrondo. Um tiroteio. Bati com a testa no banco da frente por conta da violenta freada. Ra'ad caiu de volta no assento e não conteve uma exclamação de surpresa e medo.

Eu estava assustada. Olhei para minha mãe, que me chamou para perto dela.

Corri para junto de minha mãe e olhei pela janela. Um grupo de homens armados seguia por uma trilha sinuosa. O que estava acontecendo?

Ouvimos gritos:

– Desçam! Desçam do ônibus!

O motorista foi o primeiro a desembarcar, e nós o seguimos prontamente. Ra’ad olhou para minha mãe e murmurou:

– Bandidos.

Bandidos! Seríamos assaltados? Meu coração batia depressa.

Quando saímos do ônibus, vi cinco homens armados. Eles olhavam para nós furiosos.

Muitas pessoas no Iraque viviam em estado de total miséria. Bandidos desesperados surgiam de todas as camadas da sociedade. Até os curdos podiam ser culpados por assaltos nas estradas. Mas os homens que apontavam armas para nós não eram curdos.

Bandidos árabes jamais se apiedariam de nós, mesmo que soubessem que meu pai era um árabe genuíno. Pelo contrário. Essa informação os faria sentir ainda mais ódio de nós, já que vestíamos roupas curdas.

Um dos bandidos começou a gritar com o motorista. Entendemos rapidamente que eles estavam juntos naquilo. Eram aliados. A tarefa do condutor do ônibus era viajar pelo Iraque com o propósito de atrair passageiros para seu veículo e levá-los aos locais isolados onde ocorriam os assaltos.

Mas, pelo tom da conversa, logo ficou evidente que os bandidos estavam desapontados. Esperavam vítimas mais abastadas, por certo.

De qualquer maneira, ficou claro que seríamos roubados. De repente, eu não conseguia pensar em nada que não fosse minha linda boneca negra, um presente que minha tia Fátima havia comprado para mim em Londres. Tia Fátima era a irmã mais nova de meu pai, uma mulher brilhante que ocupava posição importante no governo. Nenhuma de nós jamais tivera uma boneca como aquela. Ela era feita de porcelana negra, e tinha um rosto perfeito e longos cílios. O vestido era de seda verde. O melhor de tudo era que a boneca tinha até calcinha combinando com a roupa! Era tão preciosa e única, que minha mãe a declarara peça de coleção e a guardara em uma caixa, reservando-a, conforme disse, para “ocasiões especiais”.

Eu havia passado dias suplicando para levar a boneca naquela viagem, até que, vencida pelo cansaço, mamãe finalmente autorizara-me a levá-la co-

migo. Queria mostrar o presente a minhas primas em Sulaimaniya. Os bandidos a tomariam de mim?

Olhei para mamãe, notei sua expressão aflita e soube que ela estava preocupada com coisas mais importantes do que uma simples boneca. Ela temia por nossa segurança. Segurando o braço de Muna, minha mãe puxou-a para perto.

Desde pequena, Muna era sempre elogiada por sua beleza, pelos traços incomuns naquela região de pessoas morenas. Com a pele clara e os cabelos cor-de-mel, ela era alvo de constante atenção. Minha mãe devia estar preocupada com a possibilidade de um daqueles homens requisitar Muna para esposa, mesmo sendo ela ainda muito jovem.

Mantendo um braço em torno dos ombros de Muna, minha mãe olhou para Ra'ad e Sa'ad, indicando que deviam manter a calma.

Os bandidos podiam ter deduzido que meus irmãos ofereciam uma ameaça e eram capazes de lutar ferozmente, especialmente Ra'ad, o mais velho. Embora não fosse ainda um adulto, ele já havia ultrapassado 1,80 metro de altura e era maior do que todos os bandidos. Nossos atacantes não podiam saber que meu irmão não era um lutador, que preferia passar os dias sentado em um canto tranqüilo, estudando.

Por outro lado, Sa'ad podia criar problemas. Ele também era grande, assim como teimoso e explosivo. Notei que ele já começava a flexionar e reter alguns músculos.

Os bandidos estavam preocupados. Era evidente que reprovavam o cúmplice, o motorista do ônibus, por ter reunido um lote tão miserável de passageiros.

O menor deles, obviamente o líder, irritou-se com o tom arrogante do motorista e o ameaçou com sua arma. Acovardado, o sujeito se retirou para os arbustos que dominavam a região. Perturbado, o bandido disparou contra o solo, promovendo uma chuva de balas que aterrorizou todos.

Ao ouvir o som dos tiros e ver as balas ricocheteando em torno de seus pés, o motorista parou e se virou com as mãos erguidas:

– Ei! Ei! – Ele fez um gesto conciliatório para os cúmplices e retornou desanimado.

Estava tão chocada, que não conseguia fechar a boca. Estávamos sendo assaltados por uma gangue de comediantes! Infelizmente, a situação era séria para nós.

O líder ameaçou o motorista mais uma vez, aproveitando para amaldiçoá-lo também. O motorista apontou nossa bagagem, oito malas lotadas e amarradas sobre o teto do ônibus.

– Talvez se satisfaçam com aquilo. Esses curdos devem ter *alguma coisa* de valor!

Meu pior temor se concretizou quando o líder ordenou a dois de seus homens que fossem pegar as malas. Eles apoiaram as armas contra o veículo. Um dos assaltantes escalou o ônibus e puxou o companheiro, e os dois começaram a jogar nossas malas para baixo. Em seguida eles desceram e as abriram uma a uma, vasculhando tudo em busca de bens mais valiosos.

Olhei para minha mãe, que cobria a boca com uma das mãos. Meus irmãos também pareciam chocados com a maneira como nossos objetos pessoais iam sendo espalhados pelo chão poeirento.

Mas nada satisfazia aqueles homens. Desgostosos com o produto da ação criminosa, eles começaram a atirar nossas coisas para longe, espalhando-as pela estrada.

O motorista encolheu os ombros.

– São curdos – disse. – O que esperavam? Jóias preciosas?

Ele olhou para nós como se fôssemos culpados pelo descontentamento dos parceiros, como se fôssemos pobres por opção.

Um dos homens falou com minha mãe.

– Onde está seu dinheiro?

Mamãe abriu a bolsa, e algumas moedas caíram no chão. Ela nunca levava dinheiro ao Curdistão. Nossa família em Sulaimaniya sempre cuidava das nossas necessidades enquanto estávamos lá.

Nesse momento, minha preciosa boneca negra foi jogada no chão. Um grito escapou de minha garganta e corri para pegá-la, apesar do aviso aflito de minha mãe.

– *Na! Joanna! Na!*

Examinei a boneca. Ainda estava inteira. Com exceção de alguns arranhões no rosto e um pouco de sujeira na roupa, não havia nada de errado com ela.

O motorista fez um movimento alarmante em minha direção, as mãos estendidas, mas eu gritei, escondendo a boneca atrás de mim. O líder dos assaltantes ordenou:

– Deixe-a.

Recuei lentamente até estar protegida atrás de minha mãe, olhando cautelosa pelo lado de seu corpo.

Depois de selecionar nossas melhores roupas e todos os presentes que levávamos para nossos parentes, os seis criminosos subiram no ônibus, reclamando efusivamente de nossa pobreza. Éramos uma perda de tempo para eles.

Toquei o braço de minha mãe.

– Mãe?

Foi com desânimo que os vimos prontos para partir. Seríamos deixados à beira da estrada, entregues à própria sorte. O motorista olhou para nós uma última vez.

– Curdos estúpidos! – gritou, debochando de nossa ingenuidade.

Olhei para o ônibus que se afastava, notando que a poeira levantada pelos pneus praticamente me cobria inteiramente. Quando o veículo desapareceu ao longe, comecei a soluçar tomada por uma angústia instantânea.

Minha mãe estava tão aliviada por seus filhos terem escapado ilesos, que nem parecia se incomodar por estarmos abandonados em uma estrada deserta, sem transporte, comida ou água, no meio de uma perigosa região de montanhas onde havia muitos animais selvagens.

Ainda soluçando, estudei a vegetação que nos cercava, esperando ver lobos, raposas e felinos caminhando em nossa direção. E cobras. Aquela paisagem inóspita devia abrigar incontáveis serpentes venenosas. Desde que um dos meus primos no Curdistão me havia perseguido com uma cobra dois anos antes, durante as férias de verão, eu passara a sentir pavor delas.

Minha mãe e meus irmãos olhavam para os nossos pertences espalhados pela estrada. Os bandidos haviam deixado as três malas mais velhas, e nos movemos como robôs, guardando o que restara.

– Talvez haja um vilarejo próximo – comentou minha mãe, rompendo o silêncio aturdido.

– A estrada principal não fica muito longe daqui – disse Ra’ad com a voz calma, apontando na direção de onde havíamos saído.

Sa’ad estava tão furioso que mal podia falar. Ele grunhia.

Muna chorava, como eu.

Ra'ad e Sa'ad penduraram as três malas nos ombros, e formamos uma linha perpendicular, caminhando pelo meio da estrada, evitando as laterais onde o solo era coberto por pedras, vegetação mais alta e arbustos espinhosos. Convencida de que havia cobras venenosas à espreita, eu me mantinha bem no meio da pista, com duas pessoas de cada lado.

Muna logo parou de chorar e se ofereceu gentilmente para levar minha boneca, que começava a pesar em meus braços.

O sol de julho brilhava, e não demorou para começarmos a sentir sede. Minha língua estava inchada. Os lábios ressecaram. Nosso suprimento de água ficara dentro do ônibus. Havia muitas nascentes nas montanhas do Curdistão, mas nenhum de nós se sentia com coragem para penetrar na mata e encontrar uma delas.

Minha mente começou a pregar-me peças, e eu só conseguia pensar no delicioso suco de uvas que vovó Ameena sempre servia em sua casa em Sulaimaniya. O suco era servido com o mais puro gelo da montanha, cortado e entregue diariamente em sua residência pelos mercadores que iam buscá-lo nos mais altos picos das montanhas. Nada no mundo era mais saboroso que aquele suco de uvas gelado.

Apesar de termos comido os sanduíches de frango horas antes, eu estava faminta. Sonhava com um pedaço do pão caseiro de minha avó com uma boa fatia de queijo temperado com ervas.

Quando minhas pernas começaram a tremer e tive certeza de que não poderia dar nem mais um passo, ouvimos o barulho de um motor. Os bandidos estariam voltando?

Felizmente, a sorte sorria para nós. Um trator vermelho surgiu no topo de uma colina. Um agricultor conduzia o veículo. Reconheci os trajes curdos do homem.

Ele parecia surpreso por nos ver ali. Reduzindo a velocidade sem parar completamente, ergueu as sobranceiras e nos estudou desconfiado. Depois de alguns segundos, perguntou:

– O que estão fazendo aqui?

Ra'ad adiantou-se para explicar nossa situação.

A expressão do agricultor passou de desconfiada a solidária. Ele questionou meu irmão sobre a origem de nossa família, e em poucos momentos to-

mamos conhecimento de uma maravilhosa coincidência: aquele agricultor curdo era tio de Hady, que escolhera meu nome e se casara com Alia, minha irmã mais velha. Éramos praticamente parentes!

O homem saltou do trator.

– Venham, me deixem ajudá-los. Subam no trator e os levarei para casa – ofereceu prestativo. – Passarão a noite conosco. Serão meus hóspedes.

Estávamos salvos!

O agricultor, Ra'ad e Sa'ad encontraram lugar para nossas malas e, em seguida, todos nos acomodamos como era possível.

Eu me encolhi perto de minha mãe, enquanto Muna e Sa'ad se equilibraram sobre a cobertura dos enormes pneus. Ra'ad se ofereceu para viajar sentado sobre o motor.

Eu conhecia bem meu irmão. Ele queria nos poupar do desconforto dos solavancos e do calor.

O agricultor ligou o trator e nós partimos. O sol ainda era quente em nossas costas, mas havia agora uma brisa leve que nos causava alívio enquanto deixávamos aquele local tão perigoso e desolado.

Olhei para Ra'ad e não pude conter o riso. Meu irmão se inclinava para frente como um jóquei prestes a vencer uma corrida.

Feliz, finalmente, senti o vento brincando com meus cabelos e, erguendo o nariz para inspirar o ar curdo, reconheci o cheiro da liberdade.